

UM HOMEM
SEM PROFISSÃO

OSWALD

Coordenação editorial

JORGE SCHWARTZ E GÊNESE ANDRADE

UM HOMEM SEM PROFISSÃO

Memórias e confissões
1890-1919
Sob as ordens de mamãe

◀ ANDRADE ▶

Prefácio inútil

ANTONIO CANDIDO

A última visita

JORGE SCHWARTZ

Lembrando Oswald de Andrade

ANTONIO CANDIDO

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by herdeiros de Oswald de Andrade

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

PESQUISA, REVISÃO E ESTABELECIMENTO DO TEXTO OSWALDIANO: Gênese Andrade

CRONOLOGIA: Orna Messer Levin

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Elisa von Randow

FOTO DO AUTOR: Fotógrafo não identificado. *Oswald de Andrade*, década de 1940.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

QUARTA CAPA: Nonê (Oswald de Andrade Filho). Capa da primeira edição de *Um homem
sem profissão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Reprodução de Renato Parada.

IMAGENS DAS PÁGINAS 173 E 175: Manuscrito de Antonio Candido

PREPARAÇÃO: Sílvia Massimini Felix

REVISÃO: Huendel Viana e Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Oswald de, 1890-1954

Um homem sem profissão : memórias e confissões :
1890-1919 : sob as ordens de mamãe / Oswald de
Andrade. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2019.

Prefácio inútil — Lembrando Oswald de Andrade /
Antonio Candido — A última visita / Jorge Schwartz

ISBN 978-85-359-3271-3

1. Andrade, Oswald de, 1890-1954 2. Andrade,
Oswald de, 1890-1954 — Crítica e interpretação
3. Memórias autobiográficas I. Candido, Antonio.
- II. Schwartz, Jorge. III. Título.

19-28404

CDD-869.98503

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias : Século 20 : Literatura brasileira 869.98503

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



4UMÁ*io

9 Prefácio inútil

Antonio Candido

15 **UM HOMEM SEM PROFISSÃO**

165 **NOTA SOBRE O ESTABELECIMENTO DE TEXTO**

FORTUNA CRÍTICA

169 A última visita

Jorge Schwartz

177 Lembrando Oswald de Andrade

Antonio Candido

185 Leituras recomendadas

186 Cronologia

PREFÁCIO *INÚTIL

ANTÔNIO CANDIDO

UM ESCRITOR QUE FEZ DA VIDA romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida, publica as suas memórias. Vida ou romance? Ambos, certamente, pois em Oswald de Andrade nunca estiveram separados, e a única maneira correta de entender a sua vida, a sua obra e estas *Memórias*, é considerá-las deste modo.

O gênero literário das recordações, diários, cartas — que se englobam na designação de “literatura pessoal” — quase sempre nos atrai pela promessa implícita de contato humano mais direto. Seja lídima revelação de uma personalidade, que apenas conjecturávamos através da ficção e da poesia, seja visão do mundo através de uma sensibilidade e inteligência que reputamos bem-postas para nos falar dele. No caso dos escritores, deve-se acrescentar a contribuição trazida para o entendimento da obra.

Estes motivos nem sempre estão isolados. Dificilmente se dirá o que mais prende nas memórias do cardeal de Retz: retrato do tempo ou conhecimento da pessoa. Nas do seu contemporâneo La Rochefoucauld, todavia, a personalidade do autor se afasta, deixando o palco livre para os acontecimentos. Nas de Rousseau, pelo contrário, o relevo histórico e social se apaga ante o homem, que transborda na confissão. E embora a *Vida de Henry Brulard* mostre alma

sincera como nenhuma — traçada em confronto íntimo com os costumes e os tipos humanos —, a nossa curiosidade procura, a cada passo, colher indícios que permitam sentir, sob a retidão analítica de Beyle, a gênese da imaginação de Stendhal.

Nas presentes memórias de Oswald de Andrade, não se deve procurar autoanálise nem retrato do tempo. Nada, com efeito, menos próprio a nos dar conhecimento sistemático da sociedade ou do espírito. O autor não procura estabelecer o traçado coerente do próprio eu, buscando a lei da sua conduta na confluência do vivido e do acontecido. Nem tampouco ordenar as impressões relativas a fatos e pessoas num sistema frio de observação. Aqui, tudo se mistura; o eu e o mundo fundem-se num ritmo de impressão pessoal muito peculiar, em que se perde, por assim dizer, a independência de ambos.

Este livro delinea de vez o ser complexo e estranho que é Oswald de Andrade, desnudando a extrema singeleza (sem paradoxo) das suas componentes fundamentais. O menino que aqui vemos crescer na casa paterna vai descobrindo o mundo como todos os meninos; mas, diversamente deles, guarda pela vida afora, no seu equipamento psíquico, as técnicas iniciais com que o descobriu. Impulso, emoção, fantasia, simplismo, birras permanecem na textura do adulto, cuja formação presenciamos. “Compreender”, no sentido de operação intelectual sobreposta aos dados da impressão, para deformá-los, é processo secundário na sua vida, pautada quase toda pelo desejo enorme de sentir, conforme às aspirações profundas. A compreensão, segue docilmente. O adolescente e o homem delineados aqui, são dos que dão pontapés na pedra em que toparam e não hesitariam em açoitá-la o Helesponto para enfrentar a decepção.

Por isso, as *Memórias* esclarecem a aventura lírica de Oswald de Andrade, gordo Quixote procurando conformar a realidade ao sonho. Daí a rebeldia dos que não aceitam a ordenação média dos

atos pela sociedade, que criou em torno dele, como represália, a aura do maluco atirado contra tudo, contra todos. Visto de dentro, porém, como o vemos neste livro, é antes o menino inconsolável em face do mundo, onde não cresceu segundo a dimensão do imaginário. De um imaginário que fosse o modelo real das coisas.

O leitor verá, por exemplo, que os fatos e os homens aparecem, aqui, não como depoimentos ou estudos, mas como modos da sensibilidade. Os que se ajustaram, de um modo ou outro, às leis da sua imaginação (que é a sua integridade verdadeira), aparecem favoravelmente deformados, com acesso ao grêmio da sua benevolência. Os que de qualquer jeito foram de encontro a elas, são projetados segundo uma deformação correspondente e proporcional.

Daí o sabor peculiar a estas *Memórias*, onde as pessoas tornam-se personagens, imperceptivelmente, e, quando menos esperamos, o real se compõe segundo as tintas da fantasia. Daí, quem sabe, o relevo seguro com que se fixam em nós. A mãe, cuja voz cresce do fundo do sofá de palhinha, tem a verdade dos grandes personagens. A iniciação no erotismo infantil tem a propriedade mágica dos grandes trechos de poesia.

Não espanta, pois, que o leitor habituado aos seus romances vá pressentindo, nas pessoas *reais* que nos apresenta, a humanidade própria ao conde José Chelinini, a Mauro Glade, a Jaime d'Avelos, a Alma, a Pantico e suas irmãs, a Pinto Calçudo, a dona Lalá — aos personagens d'*Os condenados*, do *Miramar* e do *Serafim*, cuja atmosfera e cuja composição parecem frequentemente contínuas às destas *Memórias*. E aí vemos que elas esclarecem não apenas o homem Oswald de Andrade, mas também a sua obra. E ambas nos aparecem agora solidárias, inseparáveis.

No tocante a esta solidariedade da obra e da vida, bem como à soberania da impressão sobre a construção, enquanto técnica literária, vale notar, no presente volume, certa dualidade do autor

em face das suas reminiscências. Na primeira parte, quando a pesquisa do passado vai encontrar o próprio nascedouro das emoções, percebemos um trabalho atento da inteligência, organizando os dados da memória num sistema evocativo mais inteiriço. À medida, porém, que vai passando à idade adulta, e o material evocado corresponde a uma fase de personalidade já constituída, a elaboração sistemática cede lugar à notação. O impressionismo se desenvolve, por vezes, de modo a superar a própria verossimilhança, fragmentando a realidade na poalha dos dados da sensibilidade e desta maneira dando acesso a um mundo tornado equivalente ao imaginário da ficção. Aqui, nada separa Oswald de Andrade dos seus personagens. Ele se torna o seu maior personagem, operando a fusão poética do real e do fantástico.

E assim compreendemos em que medida há nele a permanência da infância, que este volume nos mostra. A norma lhe aparece como limite, e a sua sensibilidade busca o ilimitado. O menino reponta no adulto como tendência constante de negar a norma; como fascinação pelo proibido. A prática do proibido é a possibilidade de evasão, de negação duma ordem de coisas que lhe é intolerável. Daí uma rebeldia que começa pelo uso das palavras proibidas, passa pelos juízos proibidos e vai até os graves pensamentos proibidos, com que orquestra a sua conduta de rebelde das letras e da vida.

Tudo isto ocorre, na verdade, porque este livro é feito sob o signo da devoração. Posto em face do mundo — da natureza, da sociedade, de cada homem —, os engloba e assimila à sua substância, a ponto de parecerem projeção do seu *eu*. A lei, a ordem, a coerência traçada pela convenção e sagrada pela tradição não correspondem sempre, para ele, aos ditames do que o homem traz em si de arcano; aos ditames de certas constantes, mais velhas para ele do que as normas, pois importam na possibilidade de revogar a norma em benefício da aventura.

Esta é uma das raízes da sua Antropofagia, a sua cosmovisão que assimila o mundo e os valores segundo um ritmo profundo, triturando-os, para que sobre, como bagaço, a peia do costume petrificador. Neste processo, o impressionismo corresponde à visão criadora, do indivíduo que reduz o mundo à sua medida. Não espanta, pois, que esta não sirva para a dimensão de outros, e os contunda por vezes. Mas o certo é que abre o mundo da fantasia, onde se unificam a sua obra e a sua vida como prolongamento, no adulto, do menino que não quis perecer.

Por isso, não procure aqui o leitor documento nem sistema, como os procuramos usualmente, mas poesia nascida da devoração do mundo por uma grande personalidade. *C'est ici, lecteur, un livre anthropophage...*

São Paulo, maio de 1954

UM HOMEM
SEM PROFISSÃO

À lembrança de meus antepassados
A meus descendentes

A MARIA ANTONIETA D'ALKMIN
o reencontro materno

ESTE LIVRO É UMA MATINADA. Apesar de ser o meu livro da orfandade. Em 1912, chegando de minha primeira viagem à Europa, e encontrando morta minha mãe, nos mudamos logo de moradia, eu e meu pai. Ao fechar o aposento dela, já com a casa vazia de móveis e pessoas, me ajoelhei para beijar o chão, no local onde mamãe falecera. Mas meu coração sorria para a vida. E assim foi durante largo período, até murcharem uma a uma as pétalas da esperança que a coragem, a idade e a saúde faziam vicejar.

Eram também outros os tempos. Basta um confronto entre a era familiar que nessa época começou a se decompor e a que a sucedeu, colocar frente a frente duas gerações da família — a dos meus pais, seus irmãos e cunhados e a dos primos, que foi a minha.

Durante infância e adolescência, vi um cuidado providente zelar por cima de todas as cabeças da nossa gente e tutelá-las nas aflições e nas dores. Do lado de minha mãe, a família do Desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Souza, meu avô materno, sofrera por sua morte uma única deserção, a de seu filho mais velho, José. Foi o único a protestar contra a distribuição dos bens organizada pelo velho que, tendo dado como patrimônio a ilustração aos filhos, deixara a cada uma das filhas, que apenas haviam tido colégio, e que eram Inês e Carlota, a soma de cinquenta con-